



LENDAS URBANAS

DO NOVO
TESTAMENTO



DAVID A. CROTEAU



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

“É um prazer recomendar este livro que dá fim a quarenta lendas urbanas comuns do Novo Testamento. Sem dúvida, ele irá deixar muitos crentes alvoroçados, incluindo alguns pastores e até mesmo estudiosos, mas é difícil criticar a análise cuidadosa de Croteau de cada lenda urbana, os textos relevantes, os contextos e a variedade de importantes *insights* acadêmicos. Mas talvez até mais importante do que corrigir essas lendas urbanas é a leitura cuidadosa da Escritura, exemplificada por este livro. Que nós não aceitemos crenças de origem duvidosa sobre o Novo Testamento; antes, examinemos o texto com cuidado para ver a verdade da Palavra de Deus. Este livro atraente e envolvente nos ajuda a fazer isso.”

Constantine R. Campbell, professor associado de Novo Testamento,
Trinity Evangelical Divinity School

“Vivemos em uma era de analfabetismo bíblico; isso é inegável. Mas, como alguém observou certa vez, não é apenas aquilo que você não sabe, é também aquilo que você sabe, mas que não é verdade! David Croteau faz um ótimo trabalho em *Lendas Urbanas do Novo Testamento* ao corrigir equívocos sobre a Bíblia de forma cativante, gentil e cuidadosa. Aqui está um livro que não apenas gera interesse, mas informação!”

Greg Gilbert, pastor sênior, Third Avenue Baptist Church, Louisville, Kentucky

“Os evangélicos insistem em que ‘somente a Escritura’ é nossa fonte de verdade. Contudo, nossas interpretações da Escritura às vezes devem mais à tradição do que à Bíblia em si. David Croteau traz à luz algumas interpretações comuns que têm apenas uma base bíblica duvidosa. Ao fazê-lo, porém, ele vai além de apenas desmascarar esses ‘mitos’ de interpretação; ele também nos ajuda a entender o que essas passagens realmente estão dizendo e porque são importantes. Talvez de forma igualmente significativa, ele encoraja a

todos nós para que sejamos leitores mais cuidadosos e atentos da Escritura.”

Douglas Moo, professor Kenneth T. Wessner de Novo Testamento,
Wheaton College

“Como evangélicos que crem que a Escritura é inspirada e tem autoridade, queremos pregar e ensinar o que a Bíblia verdadeiramente ensina. Croteau pega algumas ‘lendas urbanas’ e desvenda para nós o significado de vários textos, prestando atenção ao contexto e ao pano de fundo histórico. Mesmo que alguém discorde de Croteau em alguns pontos, será desafiado a apoiar interpretações alternativas. Este é um recurso valioso, cheio de conselhos sábios e exegese persuasiva, e espero que seja amplamente lido.”

Thomas R. Schreiner, professor James Buchanan Harrison de interpretação do Novo Testamento e professor de teologia bíblica e reitor associado da Escola de Teologia, The Southern Baptist Theological Seminary

“Embora preferamos não reconhecê-lo, todos nós nos apegamos fervorosamente a certas crenças sobre o que a Bíblia ensina que, ao serem examinadas de perto, se revelam falsas. Ninguém fez um trabalho melhor de demonstrar isso do que David Croteau neste livro excelente e informativo. Nem todos apreciarão a sua leitura, pois a natureza humana geralmente evita admitir erros e ser forçada a desistir de interpretações antigas e profundamente apreciadas. Mas não há virtude no erro, e nenhum cristão pode ser edificado por ele. Leia este livro atenta e humildemente. Mesmo que você possa não concordar com tudo o que Croteau afirma, sua compreensão a respeito da Palavra de Deus irá, sem dúvida, aumentar.”

Sam Storms, pastor líder de pregação e visão,
Bridgeway Church, Oklahoma City, Oklahoma

LENDAS URBANAS DO NOVO TESTAMENTO

DAVID A. CROTEAU

TRADUÇÃO DÉBORA STEIGER

1ª EDIÇÃO 2023



chamada

Urban Legends of the New Testament: 40 Common Misconceptions

Copyright © 2015 by David Croteau

Published by B&H Publishing Group

Nashville, Tennessee

Todos os direitos reservados mundialmente para a língua portuguesa.

Copyright © 2022 por Chamada

1ª Edição – Novembro/2023

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Ilustração de capa: *Augusto Marques*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Usado com permissão. www.sbb.org.br

Passagens da Escritura marcadas como NVI foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NTLH foram extraídas da Nova Tradução na Linguagem de Hoje®, copyright © 2000 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como ARA foram extraídas da Tradução de João Ferreira de Almeida – 2ª Versão Revista e Atualizada®, copyright © 1993 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como ARC foram extraídas da Almeida Revista e Corrigida (ARC), copyright © 2009 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como TB foram extraídas da Tradução Brasileira (TB), copyright © 1917, 2010 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

C951 Croteau, David A.

Lendas urbanas do Novo Testamento / David A. Croteau ; tradução Débora Steiger.

– 1. ed. – Porto Alegre : Chamada, 2023.

368 p. ; 22 cm.

“Tradução de: *Urban Legends of the New Testament: 40 Common Misconceptions*”.
ISBN 978-65-89505-34-1

1. Bíblia. Novo Testamento - Lendas. 2. Bíblia. Novo Testamento - Crítica, interpretação, etc. 3. Bíblia. Novo Testamento - Teologia. 4. Exegese bíblica. I. Steiger, Débora. II. Título.

CDD23: 225

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
PREFÁCIO	11
PRÓLOGO	15

PARTE I

LENDAS URBANAS NOS EVANGELHOS

LENDA 1: Não havia lugar na hospedaria	21
LENDA 2: Três reis magos do oriente	29
LENDA 3: Os pastores eram marginalizados pela sociedade.....	37
LENDA 4: Jesus era um carpinteiro	45
LENDA 5: Jesus morreu quando tinha 33 anos	55
LENDA 6: Todas as ofertas devem ser feitas em segredo	63
LENDA 7: Não julgue os outros	69
LENDA 8: João 3.16 é a citação mais famosa de Jesus	77
LENDA 9: O inferno era uma referência a um lixão perto de Jerusalém no primeiro século	85
LENDA 10: O evangelho de João nunca se refere ao arrependimento	93
LENDA 11: “Fundo de Agulha” era uma porta em Jerusalém	101
LENDA 12: Quando dois se reunirem em oração, Deus estará lá	109
LENDA 13: Jesus suou gotas de sangue	117
LENDA 14: Jesus foi açoitado uma vez	125
LENDA 15: O amor agapê é superior ao phileō	133
LENDA 16: “Vão” não é uma ordem na Grande Comissão	141

PARTE II
LENDAS URBANAS EM ATOS, NAS CARTAS E EM APOCALIPSE

LENDA 17: Arrependimento significa “mudança de mente”	151
LENDA 18: O carcereiro filipense “apenas creu” e foi salvo	161
LENDA 19: Paulo era fabricante de tendas	169
LENDA 20: Os judeus (e Jesus) falavam principalmente hebraico na época de Jesus	177
LENDA 21: O evangelho é dinamite	189
LENDA 22: Apenas diga que crê em Jesus e você será salvo	195
LENDA 23: Homens e mulheres sentavam-se separados nas sinagogas	203
LENDA 24: Graça é favor imerecido	209
LENDA 25: Boas obras são opcionais para os cristãos	217
LENDA 26: O ministério da igreja é tarefa dos pastores	225
LENDA 27: Jesus esvaziou-se da glória do céu	235
LENDA 28: Podemos fazer qualquer coisa por meio de Cristo que nos fortalece	243
LENDA 29: Abstenham-se da aparência do mal	249
LENDA 30: O inferno é a ausência de Deus	261
LENDA 31: Um homem divorciado não pode ser pastor	269
LENDA 32: O dinheiro é mau	281
LENDA 33: Filhos de pastor devem ser salvos	289
LENDA 34: Os cristãos devem dar o dízimo	297
LENDA 35: Os cristãos devem ir à igreja	303
LENDA 36: Mulheres não devem usar joias	313

LENDA 37: Primeira João 1.9 é uma fórmula para a salvação	321
LENDA 38: Cristãos não deveriam aceitar seitas em suas casas.....	329
LENDA 39: Deus prefere que você seja frio a morno em relação a ele	335
LENDA 40: Aceite Jesus em seu coração e você será salvo	345
EPÍLOGO	353
ÍNDICE ONOMÁSTICO	357
ÍNDICE REMISSIVO.....	361
ÍNDICE DE TEXTOS BÍBLICOS.....	363

AGRADECIMENTOS

Este livro é a culminação de tantas conversas com amigos, tantos artigos e livros lidos e tantos diálogos em sala de aula que agradecer a todos está além da minha capacidade. Vários estudantes ajudaram na pesquisa para este volume: Rory Chapman, Mark Dickson, Scott Holcombe, James MacDonald, Zack Melder, Eric Mitchell, Jordan Steffaniak e Phil Thompson. A ajuda de Shane Kraeger na pesquisa de muitas das bibliografias foi inestimável. Muitos dos alunos de cursos que leciono na Liberty University, particularmente a cadeira de Contexto do Novo Testamento, foram parceiros de diálogo muito úteis.

A oportunidade concedida pelos pastores da Heritage Baptist Church, em Lynchburg, Virgínia, de ensinar uma classe de estudo bíblico abrangendo 26 destes tópicos foi de extrema ajuda. O *feedback* recebido ao longo do curso por membros (e alguns pastores) foi muito precioso.

Leo Percer, o editor-chefe, ajudou muito ao ler todo o manuscrito e fazer vários comentários frutíferos ao longo do caminho. Outros que forneceram *feedback* útil incluem Larry Dixon, John Harvey, Rob Stansberry, Tom Medeiros, Jeff Philpott, Mike Naylor e Gaylen Leverett. Kerry Poulton também merece a minha gratidão por sua ajuda.

Como sempre, minha família (Ann, Danielle e D. J.) foi compreensiva enquanto eu trabalhava no manuscrito. Que o Senhor abençoe este esforço para interpretar sua Palavra de forma fiel.

PREFÁCIO

Por quase uma década, tenho tido a alegria de ensinar hermenêutica em um ambiente de faculdade e seminário. Com frequência, defino essa disciplina como a arte e a ciência da interpretação bíblica. O curso é, em um sentido real, fundamental para o resto do programa de estudos que nossos alunos empreenderão. É por isso que encorajo nossos estudantes a fazê-lo em seu primeiro semestre de estudo, se possível. O objetivo primário é ajudá-los a “maneja[r] bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15), a Bíblia. Pois, se operamos com base em uma convicção pressuposicional de que a Bíblia é a Palavra de Deus inerrante e infalível, cremos que temos a obrigação moral e espiritual de honrar o significado do texto pretendido pelo autor. Afinal, o Espírito Santo de Deus é o autor máximo da Escritura. Os intérpretes da Bíblia têm um santo dever que precisa ser cumprido com reverência e seriedade. A verdade eterna está diante de nós. Almas humanas e seu destino encontram-se em jogo.

Quando “fazemos hermenêutica”, ensinamos nossos alunos a seguir vários princípios testados e comprovados, os quais incluem: (1) observação – o que eu vejo?; (2) interpretação – o que isso significa?; (3) aplicação – como isso funciona? Além disso, eu encorajo meus estudantes a fazerem cinco perguntas teológico-práticas que têm uma ordem definida e, em certo sentido, seguem aquilo que chamamos de A Grande História (ou Narrativa) Redentora da Bíblia.

CRIAÇÃO-QUEDA-REDEÇÃO-NOVA CRIAÇÃO (OU RESTAURAÇÃO)

Essas cinco perguntas são: (1) o que esse texto nos ensina sobre Deus? (2) O que esse texto nos ensina sobre a humanidade caída? (3) Como esse texto aponta para Cristo? (4) O que Deus deseja que saibamos? (5) O que Deus deseja que façamos? Nós encorajamos

os alunos a darem uma boa olhada no texto antes de consultarem recursos como comentários, dicionários bíblicos, enciclopédias etc. Nós os incentivamos a aprender as línguas bíblicas, se possível, e ler o texto em múltiplas traduções.

Enquanto eles estão trabalhando nisso tudo, nós os lembramos vez após vez de um princípio de importância vital: o contexto é rei. Você precisa saber tanto o contexto imediato (o que vem logo antes e logo depois do texto que está estudando) quanto o contexto distante (capítulos, livro, testamento). E isto é bastante crucial: qual é o gênero ou tipo de literatura que você está examinando?

Tudo isso pode parecer, à primeira vista, uma tarefa assustadora. Contudo, é bem parecido com andar de bicicleta. Quanto mais você pratica, melhor você fica e mais rápido você vai! A chave para desenvolver as habilidades de um bom intérprete bíblico é prática, prática e mais prática.

Compartilho tudo isso porque o que descrevi acima é magistralmente demonstrado neste livro de David Croteau. *Lendas Urbanas do Novo Testamento* é um modelo de erudição e hermenêutica bíblica. Cada uma das quarenta lendas tratada por David é abordada com cuidado e respeito pela autoridade da Escritura. Sua prática de hermenêutica cuidadosa e humilde é um exemplo digno de emulação. Você não precisará concordar com todas as conclusões a que ele chega. Todavia, você terá que fazer o dever de casa para nadar contra a corrente da interpretação alcançada pelo autor.

David reconhece que, embora tenhamos uma Bíblia inerrante, não temos intérpretes inerrantes! Contudo, quando abordamos a Palavra de Deus com boas ferramentas interpretativas, podemos rapidamente restringir as opções e, na maioria das vezes, construir um bom argumento com o qual a maioria dos estudantes da Bíblia concordará. Além disso, podemos deixar de lado “lendas urbanas” que são entendimentos incorretos da Palavra de Deus, equívocos que às vezes trazem danos significativos à noiva de Cristo.

PREFÁCIO

O dr. Croteau é graduado pelo Southeastern Baptist Theological Seminary. Orgulho-me desse fato. Este tratado esplêndido apenas aumentou minha gratidão ao nosso Deus por como ele está usando esse excelente servo para a sua glória e o bem do seu povo.

Daniel L. Akin

Presidente Southeastern Baptist Theological
Seminary Wake Forest, North Carolina

PRÓLOGO

O QUE É UMA LENDA URBANA?

Em 1876, um navio baleeiro chamado *Velocity* partiu da costa da Austrália em direção à Nova Caledônia. Aqueles que estavam a bordo viram um pouco de água agitada e pensaram ter visto um trecho arenoso. Eles marcaram a área em seus mapas e deram à ilha o nome de Sandy Island [Ilha Arenosa].¹ Depois disso, outros cartógrafos viram o registro do *Velocity*, e Sandy Island começou a fazer parte dos mapas. Em 2012, se você olhasse para o ponto central entre a Austrália e a Nova Caledônia no Google Maps, teria encontrado a ilha. Um cientista na Austrália achou que a água era profunda demais naquela localidade para que uma ilha estivesse presente, e decidiu procurar por ela. Contudo, ao chegar no local, *não havia uma ilha*. O barco baleeiro em 1876 tinha cometido um erro, e todos depois disso haviam copiado o erro por mais de 130 anos. Não sabemos como eles se equivocaram. Talvez estivessem enganados quanto à sua posição geográfica. Independentemente disso, a existência da ilha se tornou uma lenda urbana. Uma lenda urbana é um mito comumente divulgado, repetido por toda a cultura como um conhecimento geral, mas que não é verdade.

Interpretações de certas passagens do Novo Testamento foram vítimas disso. De alguma forma, afirma-se algo falso, e isso é ouvido e passado adiante sem que alguém verifique todos os fatos. Existia realmente uma porta em Jerusalém chamada de “Fundo de Agulha” (cf. Mc 10.25)? Já ouvi isso ser pregado inúmeras vezes. Mas qual é a evidência para essa suposta porta?

1 Alguns relatos referem-se a ela como Sable Island.

O Novo Testamento ordena que nos apresentemos a Deus “aprovado[s], como obreiro[s] que não t[ê]m de que se envergonhar, que maneja[m] bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15). A pergunta que faremos não é se você já ouviu algumas das supostas lendas que irei desvendar, porque provavelmente você já deve ter ouvido a interpretação questionável sendo repetida cinco, dez ou vinte vezes! A verdadeira pergunta é: essa interpretação pode ser justificada? Há boas razões para que essa interpretação tenha sido passada adiante e ensinada dessa forma?

Você poderá descobrir que eu discordo de uma interpretação que você ouviu do seu pastor ou pregador favorito. Isso não significa, é claro, que eles são maus pregadores. Estou simplesmente discordando da sua interpretação de determinada passagem. Na verdade, muitas das pessoas que promulgaram essas lendas (e não lhe direi necessariamente quem elas são) são pastores e estudiosos que eu admiro e amo muito. Concentremo-nos na interpretação correta de cada passagem, não em quem ensinou uma interpretação lendária.

A ESTRUTURA DE CADA CAPÍTULO

O título de cada capítulo é, na verdade, a própria lenda, não a interpretação correta do(s) texto(s) em questão. Se certa passagem tem mais de uma lenda conectada a ela, apenas uma será incluída no título. Cada capítulo iniciará com uma apresentação da lenda. Eu a apresentarei *como se* acreditasse nela. Então, tentarei provar a você que essa é uma interpretação inválida da passagem. Explicarei alguns problemas que enxergo com essa interpretação em particular e então lhe direi o que acredito que o texto significa.

COCAÍNA E COCA-COLA: TIPOS DE LENDAS URBANAS

Há diferentes tipos de lendas. A lenda de Sandy Island é uma que não possui evidências sólidas. Podemos traçar sua origem histórica, mas

não sabemos ao certo por que a lenda começou. Outro tipo de lenda é aquela que é verdadeira em parte, mas não conta toda a história.

Por exemplo, considere a seguinte lenda: de 1885 a 1929, o refrigerante Coca-Cola continha cocaína. Isso é verdade? Sim e não. Sim, no sentido de que, embora a Coca-Cola tecnicamente contivesse derivados da folha de coca (que é a matéria-prima da cocaína), essa não é a história completa.² Na verdade, a quantidade de derivados da folha de coca na Coca-Cola era tão minúscula ao final da década de 1920 que cerca de 94 milhões de litros de xarope de Coca-Cola poderiam ter menos de dois gramas desses derivados.³ Em outras palavras, simplesmente dizer que “originalmente, a Coca-Cola continha cocaína” tem um elemento de verdade, mas é enganoso, pois a quantidade era ridiculamente pequena. Assim, enquanto a lenda de Sandy Island diz respeito a lendas equivocadas, a lenda da Coca-Cola diz respeito a lendas enganosas. O que é o que nos próximos capítulos? Você terá de ler para descobrir!

ABORDANDO LENDAS

Deixe-me alertá-lo. Alguns leitores podem se sentir tentados a usar as informações neste livro como um golpe de marreta ao ouvir alguém pregar uma dessas interpretações lendárias. No epílogo, fornecerei alguns conselhos sobre como abordar lendas quando você as ouve.

2 Essa é a parte “Coca” do nome, que vem de “cocaína”. A “Cola” vem da noz-de-cola.
3 Cf. Mark Pendergast, *For God, Country, and Coca-Cola: The Definitive History of the Great American Soft Drink and the Company That Makes It*, 3. ed. (Nova York: Basic Books, 2013), p. 149-150; James Hamblin, “Why We Took Cocaine Out of Soda”, *The Atlantic*, 31 jan. 2013. Disponível em: www.theatlantic.com/health/archive/2013/01/why-we-took-cocaine-out-of-soda/272694. Acesso em: 20 maio 2014; e Barbara Mikkelson, “Cocaine-Cola”, *Snopes*, 19 maio 2011. Disponível em: www.snopes.com/cokelore/cocaine.asp. Acesso em: 20 maio 2014.

PARTE I

LENDAS URBANAS NOS EVANGELHOS



LENDA 1

NÃO HAVIA LUGAR NA HOSPEDARIA

Lucas 2.1-7

O ENSINO LENDÁRIO

José foi obrigado a levar sua noiva, Maria, a Belém, a cidade de seus antepassados. Era uma jornada longa, provavelmente três ou quatro dias de viagem, e a gravidez de Maria já estava avançada. Eles viajaram para o sul, atravessando Israel, e, quando se aproximavam de Belém, Maria começou a sentir o bebê fazendo pressão. José começou a entrar em pânico e, quando entraram na cidade de Belém, foi de casa em casa procurando um lugar para eles ficarem. Todos os mandaram embora, porta após porta, casa após casa.

Carregando Maria, ele finalmente recebeu permissão para usar o estábulo de alguém, um lugar onde apenas animais deveriam ser mantidos. José levou Maria para dentro, e ela deu à luz Jesus. Jesus deveria ter sido assentado em um trono, mas foi rejeitado desde o começo, sendo colocado em uma manjedoura, um comedouro para animais. Não havia lugar para ele na hospedaria, e não havia lugar para ele em muitos corações.

INTRODUÇÃO: DESVENDANDO A LENDA

Eu amo o filme *Jesus: A História do Nascimento*, mas a história por trás de alguns dos detalhes no filme e o ensino lendário acima não

vêm da Escritura. Parte vem do *Protoevangelho de Tiago*, um livro curto escrito por volta de 200 d.C. Esse livro não foi escrito por Tiago, irmão de Jesus, nem por Tiago, filho de Zebedeu. Eles já haviam morrido muito antes de 200 d.C. Ele contém uma releitura fantástica e fascinante do nascimento de Jesus, e parece ser o documento mais antigo a retratar o evento como uma emergência ao se aproximarem de Belém. Na verdade, da forma que a história é contada no *Protoevangelho de Tiago*, eles estão a cerca de cinco quilômetros de distância da cidade quando José encontra uma caverna para Maria dar à luz, sem terem chegado a Belém. Há vários problemas com essa representação do nascimento de Jesus. Por exemplo, se ela for verdadeira, então Jesus não nasceu em Belém e a profecia a esse respeito não se cumpriu (cf. Mt 2.6; Mq 5.2). Independentemente, há dois problemas com o entendimento tradicional da história do nascimento de Jesus, particularmente a ideia de que (1) não havia lugar na hospedaria e (2) eles tiveram dificuldade de achar um lugar onde ficar.

O PANO DE FUNDO HISTÓRICO

A representação tradicional tem José, um descendente do famoso rei Davi, voltando a Belém, a cidade de Davi, e tendo dificuldade em achar um lugar onde ficar. Já de início, isso parece difícil de acreditar. Mesmo com o censo acontecendo, é difícil crer que ele chegou em Belém e foi rejeitado. Além disso, Maria tinha parentes por perto. Lucas 1.39-40 menciona Maria hospedando-se com Zacarias e Isabel, que viviam na região montanhosa da Judeia. Belém era uma cidade pequena na região da Judeia. Zacarias e Isabel provavelmente moravam por perto. Mas, se Maria entrou em trabalho de parto de repente quando se aproximavam de Belém, o fato de seus parentes morarem nas proximidades não ajudaria muito.

Hospitalidade era algo muito importante naquela cultura. Teria sido impensável que uma mulher judia grávida chegasse em uma

cidade e as pessoas fechassem os olhos para ela. Isso pode não ser impensável hoje, mas não somos tão hospitaleiros quanto o Israel do primeiro século. Muitos versículos no Antigo Testamento falam sobre a importância da hospitalidade.¹ Se alguém batesse na porta de uma casa e a pessoa dissesse: “Vá embora”, essa pessoa seria evitada pela comunidade. As pessoas daquela época levavam a hospitalidade realmente a sério.

URGÊNCIA, A MANJEDOURA E A HOSPEDARIA

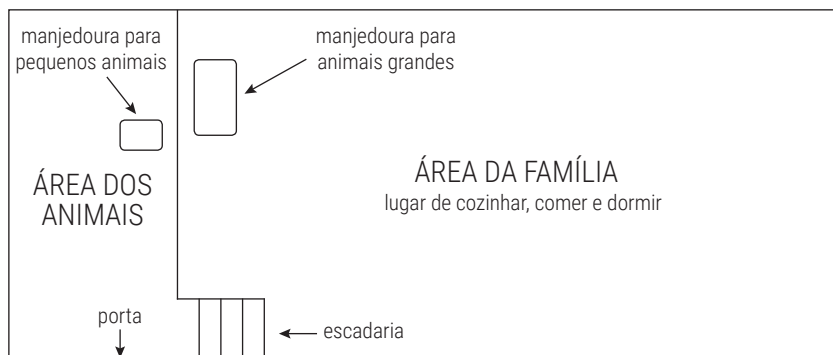
Havia uma urgência quando se aproximavam ou entravam em Belém? Lucas 2.6 diz: “E aconteceu que, *estando eles ali*, chegou o tempo de ela ter a criança” (ênfase acrescentada). Não diz “quando se aproximavam”. Ele não menciona se eles estavam ali há cinco minutos ou cinco semanas, mas permite que ambas as situações sejam possíveis. Lucas não relata que o tempo para ela dar à luz chegou quando estava se aproximando da cidade, de modo que não havia motivo para pânico ou urgência. Não há evidências de que o bebê estivesse fazendo pressão quando eles chegaram. Mas, se eles chegaram em Belém e Maria estava bem, por que José não conseguiu encontrar acomodações adequadas? Zacarias e Isabel estavam por perto, eles estavam em uma cultura hospitaleira, e ele era da linhagem de Davi. Por que ele colocou sua esposa grávida em um estábulo cheio de animais?

A passagem diz que Maria “o deitou numa manjedoura” (Lc 2.7). Quando você lê “manjedoura”, imagens de um estábulo provavelmente vêm à sua mente. Contudo, há três opções para a localização dessa manjedoura. Primeira, manjedouras eram colocadas fora das casas, em um estábulo. Esse é o entendimento tradicional: casas ricas em Israel no primeiro século teriam um estábulo. Contrariando

1 P. ex., veja Gênesis 18–19; Êxodo 23.9; Levítico 19.33–34; Deuteronômio 10.19; Isaías 58.6–10; Ezequiel 16.49.

a visão tradicional, há outras duas opções, e entender como as casas eram geralmente construídas ajudará a compreendê-las.

Uma casa do primeiro século em Israel teria um grande cômodo familiar onde a família comia, cozinhava, dormia e vivia em geral. No canto desse cômodo, haveria alguns degraus descendo para um nível inferior, baixando apenas alguns metros. Esse nível inferior seria o “cômodo dos animais” da casa. Não havia uma parede separando os ambientes; apenas um cômodo com duas partes: o cômodo familiar e o cômodo dos animais. Eles o teriam construído de forma que o chão se inclinasse levemente na direção da área dos animais para facilitar a limpeza, pois a porta exterior ficaria nessa parte. Na superfície elevada da área familiar, haveria uma manjedoura para os animais maiores, escavada no chão. Os animais maiores na área dos animais, como uma vaca ou um jumento, poderiam caminhar e comer nessa manjedoura. Os animais menores, como ovelhas, teriam uma manjedoura menor escavada no chão do cômodo dos animais, ou a família poderia ter uma manjedoura de madeira que podia ser trazida para dentro.



A Escritura não oferece uma descrição explícita desse *design*, mas evidências arqueológicas e evidências implícitas da Escritura sugerem que esse era o modelo geral das casas. Animais são mencionados como estando dentro de casa em algumas histórias bíblicas. Em 1Samuel 28.24, temos a descrição de Saul indo até a médium

de En-Dor. Ela “tinha *em* casa um bezerro gordo” (ênfase acrescentada), que decidiu matar. Juízes 11 conta a história de Jefté fazendo um voto. Ele pediu que o Senhor o ajudasse a vencer a batalha. Se o Senhor fizesse isso, ele prometeu sacrificar a primeira coisa que saísse de sua casa (Jz 11.31). Ao chegar em casa, a primeira coisa que saiu de sua casa foi sua filha. Uma vez que animais eram mantidos em casa, ele provavelmente esperava que saísse um bezerro ou uma ovelha.

O modelo das casas de um só cômodo pode ser visto em versículos como Mateus 5.15, onde Jesus menciona uma lamparina que ilumina todos que estão na casa. Se houvesse múltiplos andares, cômodos, corredores e banheiros, isso seria impossível. Mas quando a casa tem um só cômodo grande, com uma seção um pouco mais baixa para a entrada e os animais, fica claro como uma lamparina poderia iluminar a casa inteira.

A manjedoura maior fica na área da família, e a manjedoura menor na área dos animais. Essas são as outras duas opções para sua localização. O local mais provável para a manjedoura de Jesus é a que fica no cômodo familiar. Mas a versão tradicional dessa história não diz que Jesus nasceu em uma casa. Ela diz que o casal foi rejeitado na hospedaria e, então, foi para um estábulo. Por que estou descrevendo uma casa?

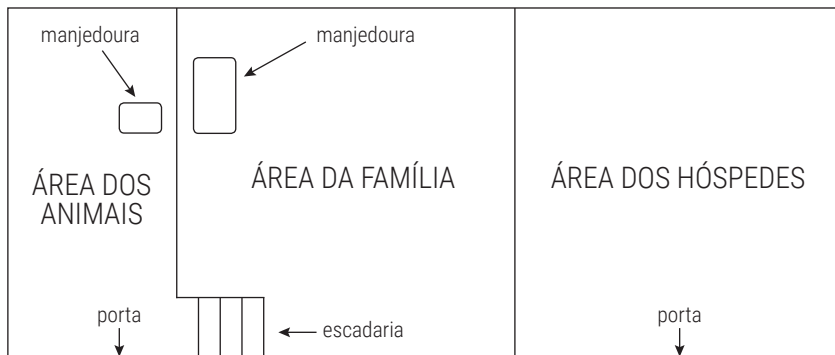
Perceba como algumas versões traduzem Lucas 2.7: “E deu à luz o seu filho primogênito... e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem”. A maioria das traduções usa a palavra “hospedaria” em vez de “estalagem”. As palavras “hospedaria” e “estalagem” trazem à mente a ideia de um hotel, e isso de fato existia no Israel do primeiro século. Não sei se existia algum em Belém naquela época (embora pareça improvável, uma vez que era uma cidade pequena), mas a Parábola do Bom Samaritano em Lucas 10.34b diz: “Depois, colocou aquele homem sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele”. O versículo se-

guinte até mesmo fala de um “hospedeiro”. Essa é uma referência à hospedagem pública, como um hotel. Logo, existiam hospedarias em Israel no primeiro século.

Contudo, a palavra grega usada em Lucas 2.7 (*kataluma*) é diferente da usada em Lucas 10.34 (*pandocheion*). A palavra *pandocheion* ocorre apenas aqui no Novo Testamento. A palavra *kataluma* ocorre mais duas vezes, uma em Marcos e outra em Lucas (os quais são versículos paralelos). Lucas 22.11 diz: “E digam ao dono da casa: ‘O Mestre pergunta: “Onde é o *salão de hóspedes* no qual poderei comer a Páscoa com os meus discípulos?’” (NVI, ênfase acrescentada). A palavra grega *kataluma* é frequentemente traduzida em Marcos 14.14 e Lucas 22.11 por “apartamento” ou “salão de hóspedes”. Contudo, a maioria das traduções tem “hospedaria” em Lucas 2.7.

OLHANDO LUCAS 2.7 MAIS DE PERTO

Muito provavelmente, o apartamento ou salão de hóspedes em Lucas 2.7 se referia a um quarto acrescentado à casa de um só andar. Esse apartamento (*kataluma*) teria sua própria entrada exterior.



Outra evidência dá a entender que José e Maria tinham conseguido acomodações adequadas ao chegarem em Belém em vez de um estábulo. Um anjo disse aos pastores que eles veriam um bebê deitado em uma manjedoura (Lc 2.12). Depois que os pastores viram isso, Lucas diz: “E os pastores voltaram, glorificando e louvando a

Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes tinha sido anunciado” (Lc 2.20). Em uma cultura que prezava tanto a hospitalidade, teria sido inimaginável que os pastores tivessem ido embora e deixado a família com um bebê recém-nascido em um estábulo. Quanto mais você entende a hospitalidade do Oriente Médio, mais poderoso esse versículo se torna.

José levou Maria a Belém para o censo ordenado por César Augusto. Ele não tinha pressa em achar um lugar. Ao chegarem, o quarto de hóspedes já estava cheio, por isso ele e Maria tiveram de ficar no cômodo familiar com todos os outros. Quando chegou a hora de Maria dar à luz, ela o fez no cômodo familiar. Eles colocaram o bebê Jesus na manjedoura para animais que ficava no chão da área da família. Não havia caverna, não havia estábulo e, provavelmente, não havia manjedoura de madeira.

APLICAÇÃO

Se contamos a história do nascimento de Jesus com um pano de fundo histórico reconstruído de forma imprecisa, aqueles que são céticos com relação ao cristianismo descobrirão. Quando eles apontarem para a imagem antibíblica e anti-histórica que está sendo retratada, isso pode causar pânico e dúvida para o crente. Já vi isso acontecer com algumas das lendas neste livro. Dedicamo-nos a sermos precisos e acurados quanto à forma com que retratamos o nascimento do Salvador.

A história do nascimento de Jesus não é uma história de rejeição, de um hospedeiro rude ou um marido incompetente. É a história de um nascimento normal em um ambiente humilde. Não havia palácio nem trono. A absoluta “normalidade” do nascimento é marcante. Esse rei, Deus encarnado, teve um nascimento típico e normal. Ele foi recebido da forma que uma criança normal teria sido, mas ele não era uma criança normal. A encarnação é a história de Deus Filho deixando o céu e vindo à terra, demonstrando seu amor pela

humanidade ao viver uma vida perfeita e morrer uma morte perfeita. Esse é o começo da história de como Deus salva aqueles que colocam sua confiança nele.

RECURSOS

Livros

Bailey, Kenneth E. *Jesus pela ótica do Oriente Médio: Estudos culturais sobre os Evangelhos* (São Paulo: Vida Nova, 2016). Esse é provavelmente o melhor recurso para essa questão. A apresentação de Bailey é brilhante e fácil de ler. Confira especialmente as páginas 27-39.

Jornais

Bailey, Kenneth E. “The Manger and the Inn: The Cultural Background of Luke 2:7”, *Theological Review* 2, n. 2 (1979), p. 33-44. Esse artigo imensamente útil está disponível *on-line* em: <https://www.galaxie.com/article/bspade20-4-02>.

Carlson, Stephen C. “The Accommodations of Joseph and Mary in Bethlehem: *kataluma* in Luke 2.7”, *New Testament Studies* 56, n. 3 (2010), p. 326-342. O estudo de Carlson demonstra a improbabilidade de Jesus ter nascido em um estábulo, embora sua conclusão seja levemente diferente da que se encontra acima.

Websites

MacPhail, Bryn. “From a Throne to a Feeding Trough”, *MacPhail’s Manuscripts*. Disponível em: <https://reformedtheology.ca/luke2a.htm>. Acesso em: 14 jul. 2014. Um sumário útil da questão.

Sprinkle, Preston. “Was Jesus Born at an Inn?”, *Eternity Bible College*, 15 dez. 2011. Disponível em: <https://archives.eternity.edu/2011/12/15/was-jesus-born-at-an-inn/>. Acesso em: 12 jul. 2014. A discussão de Sprinkle sobre a hospedaria é bem feita, embora eu discorde de sua conclusão (reconhecidamente) especulativa.



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

DESVENDE 40 LENDAS SOBRE TEXTOS DO NOVO TESTAMENTO

Lendas Urbanas do Novo Testamento examina quarenta das passagens mais mal interpretadas do Novo Testamento. Essas “lendas urbanas” normalmente surgem porque os intérpretes negligenciam o contexto da passagem, fazem mau uso de informações históricas ou não entendem o texto original grego. Para cada texto neotestamentário, o professor David Croteau descreve a interpretação popular, mas incorreta, e então cuidadosamente interpreta a passagem dentro de seu contexto histórico e literário. É dada atenção especial a princípios sólidos para a interpretação bíblica a fim de guiar os leitores e chegar a um entendimento mais preciso do sentido de cada texto.

Com exemplos dos Evangelhos, de Atos dos Apóstolos, das Epístolas e de Apocalipse, *Lendas Urbanas do Novo Testamento* não apenas ajudará os leitores a evitar passos em falso nestes quarenta textos, mas também fornecerá um modelo para se engajar em uma interpretação correta de outras passagens do Novo Testamento.

“Os evangélicos insistem em que ‘somente a Escritura’ é nossa fonte de verdade. Contudo, nossas interpretações da Escritura às vezes devem mais à tradição do que à Bíblia em si. David Croteau traz à luz algumas interpretações comuns que têm apenas uma base bíblica duvidosa. Ao fazê-lo, porém, ele vai além de apenas desmascarar esses ‘mitos’ de interpretação; ele também nos ajuda a entender o que essas passagens realmente estão dizendo e porque são importantes. Talvez de forma igualmente significativa, ele encoraja a todos nós para que sejamos leitores mais cuidadosos e atentos da Escritura.”

– **Douglas Moo**, professor Kenneth T. Wessner de Novo Testamento, Wheaton College



chamada



chamada.com.br